

Eduardo Lourenço de Faria

Margarida Ribeiro ©



Este PDF é distribuído de forma aberta e gratuita.

Como Citar: Ribeiro, Margarida. “Eduardo Lourenço de Faria”, *Personalia.IEF* (2019), 1-33.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de Estudos Filosóficos,
U.I.&D.
Com o apoio da FCT

Personalia.IEF
2019

iestudosfilosoficos@gmail.com
personalia.ief@gmail.com

EDUARDO LOURENÇO DE FARIA

(1923-)

MARGARIDA RIBEIRO¹

BIOGRAFIA

Eduardo Lourenço de Faria (ELF) nasceu na pequena freguesia de São Pedro do Rio Seco, concelho de Almeida, Guarda, no dia 23 maio de 1923, mas foi só registado no dia 29. Nasceu e cresceu num meio conservador. Filho de Abílio de Faria, 1º sargento de infantaria, que à data do registo de Lourenço estava domiciliado em Coimbra, e Maria de Jesus Lourenço, doméstica, ela sim domiciliada em S. Pedro do Rio Seco. Eduardo é o mais velho dos sete filhos do casal. Apesar de muito chegado à mãe, viveu uma infância algo solitária que procurava combater inventando heterónimos, *dentre* outras maneiras, para passar o tempo e se divertir consigo mesmo. Frequentou a Escola Primária, em S. Pedro do Rio Seco, em 1930-31. Mas, em 1932, a família parte para a Guarda motivada pelo destacamento do pai para o aquartelamento dessa cidade. É lá que

¹ Endereço eletrónico: mags.ribeiro@gmail.com.

Eduardo frequenta e completa a 3^a classe. Regressam a S. Pedro do Rio Seco após um ano, em 1933, concluindo Eduardo o ensino primário com distinção no exame final. Em 1934, ingressou no Colégio Militar, em Lisboa, um ano depois do pai partir para Nampula, Moçambique.

Em 1940, inicia os seus estudos universitários em Ciências Históricas e Filosóficas na Universidade de Coimbra. Lá encontrou um ambiente aberto e propício à reflexão cultural, que haveria sempre de integrar. Obtém a sua licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas a 23 de julho de 1946¹, aprovado com a classificação de muito bom com distinção, com 18 valores. Permaneceu, na mesma universidade, como 2^o assistente de Filosofia entre 1947 e ’53, colaborando, sobretudo, com Joaquim de Carvalho. É durante este período que publica a sua obra de estreia *Heterodoxia I*, em 1949, texto que reúne uma parte da sua tese de licenciatura, *O Sentido da Dialética no Idealismo Absoluto*. É também desta altura a sua colaboração com o *Diário de Coimbra*,

2 Declaração, assinada por Eduardo Lourenço de Faria em Coimbra a 1 de agosto de 1946, para o Ministério da Educação Nacional e a Direção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes: “Declaro por minha honra que estou integrado na ordem social estabelecida pela Constituição Política de 1933, com ativo repúdio do comunismo e de todas as ideas subversivas”.

através da publicação das *Crónicas Heterodoxas*.

Em 1949, realiza um estágio na Universidade de Bordéus 2 com uma bolsa do *Programa Fulbright*. Deixa o país em 1953, após o termo do contrato como 2º assistente de Filosofia, e torna-se Leitor de Cultura Portuguesa entre 1953 e 1955 nas universidades de Hamburgo e Heidelberg. Posteriormente virá a exercer a mesma atividade, entre 1956 e 1958, na Universidade de Montpellier. Casa-se com Annie Salomon, em 1954, em Dinard. Após um ano como professor convidado de Filosofia na Universidade Federal da Bahia, regressa ao continente europeu, em 1960, e fixa residência em França. A escolha para novo domicílio recai sobre Vence, nos arredores de Nice (1965). Tendo sido leitor na Universidade de Grenoble, de 1960 a 1965, e *maître assistant* na Universidade de Nice até 1987, passou a *maître des conférences*, em 1986. Em 1988, torna-se professor jubilado, em Nice. Em 1989, assume funções como conselheiro/ adido cultural junto da Embaixada Portuguesa em Roma até 1991 e, desde 1999, ocupa o cargo de administrador (não executivo) da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Pelo seu trabalho filosófico, Eduardo Lourenço recebeu o *Prémio Europeu de Ensaio Charles*

Veillon, em 1988, nomeadamente pela publicação da sua obra *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Em 2001, foi galardoado com o *Prémio Virgílio Ferreira*, instituído pela Universidade de Évora. Professor e ensaísta considerado por muitos como «aquele que mais e melhor tem pensado Portugal», viu criado pelo Centro de Estudos Ibéricos, em sua homenagem, o *Prémio Eduardo Lourenço*, atribuído desde 2005, prémio que visa agraciar personalidades ou instituições cuja intervenção no âmbito da cultura, da cidadania e da cooperação ibéricas se têm mostrado relevantes. Por detrás da sua mundividência, inicialmente associada ao existencialismo, adivinham-se as influências que tiveram as leituras de Husserl (1759-1938), Kierkegaard (1813-1855), Nietzsche (1844-1900), Heidegger (1889-1976), Sartre (1905-1980) e o conhecimento das obras de Dostoievsky (1821-1881), Kafka (1883-1924) e Camus (1913-1960). Tal associação inicial ao existencialismo - de certo modo - deu-se, sobretudo, por volta dos anos cinquenta, altura em que colaborou na *Árvore* e travou amizade com Vergílio Ferreira (1916-1996). Não obstante, deve-se à sua atitude crítica o facto de nunca se ter deixado enleiar por qualquer escola de pensamento. Favorável, porventura, às ideias de

esquerda, não deverá dizer-se que tenha, no entanto, abandonado uma atitude crítica perante as esquerdas.

Crítico e ensaísta literário, versando predominantemente a poesia, assinou ensaios polémicos como “Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?” n’ *O Comércio do Porto* (1960), e um estudo particular sobre o neorrealismo intitulado “Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista” (1968). Aproximou-se da modernidade pela obra de Fernando Pessoa (1888-1935), a propósito da qual deu à estampa os volumes *Pessoa Revisitado* (1973) e *Fernando Rei da Nossa Baviera* (1986). Indiferente à sucessão de correntes teórico-filosóficas e fugindo tanto ao historicismo como a pretensas análises objetivas, a perspetiva de Lourenço encontra-se enunciada, poderá dizer-se, de um modo fundamental, num livro central: *Tempo e Poesia* (1974).

DOCÊNCIA DE FILOSOFIA NA FLUC

Ano letivo 1947-48:

Apesar do primeiro contrato de Eduardo Lourenço haver sido realizado em 1/12/1946, este é nomeado 2º assistente em 21/1/1947, tomando posse em 24/10/1947. No ano letivo de 1947-48, ELF ministrou as seguintes

disciplinas, das quais transcrevo os sumários:

LÓGICA (prática), 5/11/1947 – 20/5/1948:

1. Condições históricas do aparecimento da Lógica
2. O problema lógico antes de Aristóteles
3. A teoria socrática do conceito (conteúdo lecionado de 3/12 a 10/12)
4. Significado geral do platonismo na história da filosofia
5. Distribuição dos Diálogos (de Platão) por grupos, correspondendo a cronologia e (*palavra ininteligível*)³ seu desenvolvimento constante
6. As (*palavra ininteligível*) metafísico do Platonismo: a teoria das Ideias
7. Interpretações da teoria das Ideias
8. Problema filosófico a que responde a teoria das Ideias: Platão entre Parménides e Heraclito
9. O *Teeteto* e o problema da sensação
10. O *Teeteto* (teoria e crítica da sensação);
11. *Teeteto* (teoria do erro – continuação)
12. A teoria das Ideias; a teoria das Ideias em Parménides.

³ Esta sinalização refere-se a palavras ilegíveis nos sumários caligrafados por ELF.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA (prática), 5/11/1947 – 21/4/1948:

1. O ideal humano em Homero: a *areté* aristocrática e heroica
2. A suplicação antiga
3. A *areté* em Hesíodo
4. *Apologia de Sócrates* (conteúdo lecionado de 14/1 a 18/2)
5. Análise do *Críton* (de 25/2 a 7/4)
6. Comentário a *Fédon* (de 14/4 a 21/4)

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA (prática):

1. Esboço sociológico do Renascimento. A) origem da burguesia; primeira fase do capitalismo europeu. B) *Decibeeiro* (?), *virtú*, *ratio*
2. Comentário do *Discurso do Método*
3. Petrarca e o equívoco do humanismo
4. A lírica de Petrarca e o sentimento da vida
5. A filosofia de Nicolau de Cusa – síntese dos conceitos (?) fundamentais da fil. medieval e moderna
6. Nicolau de Cusa (cont.)
7. *Discurso do Método* (de 18/1 a 27/2)
8. *Discurso do Método* II parte (6/3 a 15/5)

Ano letivo 1948-49:

É feito o pedido - ao qual havia sido dado assentimento por Amorim Girão, em reunião de Conselho da FLUC - ao Reitor da UC, Morais Correia, para que promovesse superiormente a equiparação do assistente Lourenço a bolseiro fora do país, sem encargos para o Instituto para a Alta Cultura, de modo a que este pudesse fazer, no ano letivo seguinte (1949/50), um estágio de 8 meses (novembro '49 a julho de '50) na Faculdade de Letras de Bordéus. O referido pedido informava, adicionalmente, que da ausência do referido assistente durante o período de tempo indicado não resultaria prejuízo irremediável para o serviço (8 junho '49). Apresentam-se, de seguida, as disciplinas lecionadas e os respetivos sumários:

LÓGICA (prática), 10/11/1948 – 24/3/1949:

1. O problema socrático
2. A herança de Sócrates através de Platão: a conexão do problema filosófico e político
3. O problema do uno e do múltiplo antes de Platão
4. (ELF não inseriu sumário a 9/2/1949)
5. Leitura e comentário de *Fédon*

6. *Ménon*: o problema do saber
7. Comentário ao *Filebo*
8. Comentário ao *Banquete*

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA (prática), 13/11/1948 – 2/4/1949:

1. *Discurso do Método*
2. *Discurso do Método* (comentário) (conteúdo lecionado de 27/11 a 29/1)
3. 2ª parte do *Discurso do Método* (conteúdo lecionado de 29/1 a 19/2)
4. Comentário à 3ª parte do *Discurso do Método* (conteúdo lecionado de 5/3 a 19/3)
5. Comentário à 4ª parte do *Discurso do Método*

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA (prática), 10/11/1948 – 26/4/1949:

1. *Apologia de Sócrates* (conteúdo lecionado de 24/11 a 9/2)
2. Comentários à *Apologia de Sócrates*
3. Estudo da *Apologia de Sócrates*
4. *Crítón*

Ano letivo 1949-1950:

Foi, então, concedida a equiparação a bolsheiro fora do país pelo período de 8 meses, a

contar de novembro de 1949 (26/9/1949). Enquanto 2º assistente, recebe o vencimento mensal ílquido de 1980 escudos.

Ano letivo 1950-1951:

Em 9 de outubro de 1950, ano em que ELF vai para Bordeaux como bolseiro, é aprovada por Conselho Escolar da FLUC uma proposta no sentido de renovar o contrato por 3 anos. A renovação dos contratos era feita anualmente, com possibilidade de prorrogação por períodos idênticos até perfazer 3 anos. ELF aceitou a renovação nesses termos, obrigando-se a cumprir zelosa, interessada e pontualmente as funções de 2º assistente, do 6º grupo da 2ª secção da FLUC. Apresento, agora, as disciplinas que Eduardo Lourenço lecionou nesse ano letivo, tal como os respetivos sumários⁴:

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA (prática),
8/11/1950-16/5/1951:

1. *Apologia de Sócrates* (comentário) (de 15/11 a 7/3)

4 Curiosamente, o livro de sumários das aulas práticas de Lógica não se encontrava na respetiva caixa arquivística, o que permite supor que a lecionação da disciplina não terá tido lugar no ano letivo de 1950-1951.

2. Comentário ao *Crítón* (2 aulas)
3. Comentário ao *Fédon* (2 aulas).

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA (prática), 11/11/1950 – 14/4/1951:

1. Introdução e comentário ao *Discurso do Método*
2. *Disc. do Método* (2^a parte) (12/1)
3. 3^a parte *Disc. Met.* (7/4)
4. 4^a parte do *Discurso* (14/4).

Ano Letivo 1951 – 52:

No ano letivo de 1951-1952, ELF ministrou os cursos abaixo listados juntamente com os respetivos sumários.

LÓGICA (prática), 12/11/1951 – 18/2/1952:

1. Considerações sobre história da lógica
2. Considerações sobre a teoria do juízo em Platão
3. O problema do juízo em Platão
4. Comentários à leitura de *Parménides* (3/12 a 2/1)
5. Introdução ao estudo de *Parménides*

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA (prática), 9/11/1951 – 20/5/1952:

1. Comentário a *Apologia de Sócrates* (13/11 a 22/1)
2. Comentário ao *Crítion*
3. Início da leitura de *Fédon*
4. A cronologia dos diálogos (5/2 a 4/3)
5. Comentário ao *Fédon*. Argumento dos contrários
6. Comentário ao *Fédon*. Primeiro argumento transcendente (?) a provar a supervivência da alma. O argumento dos contrários. (7/3)
7. 2ª prova da Imortalidade no *Fédon*.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA (prática), 12/11/1951 – 14/5/1952:

1. comentários ao *Disc. do Método*
2. Considerações sobre o método cartesiano (10/12)
3. Considerações sobre a 2ª parte do *discurso do método* (12/12 a 16/1)
4. Comentário à 3ª Parte do *Disc.*
5. Leitura f(acial) da 3ª parte e início da 4ª (*Disc. do Método*)

6. Leitura da 1ª Meditação Metafísica (26/2);
7. Leitura da 2ª Meditação Metafísica (uma por aula);
8. (15/2) 4ª parte do *Discurso* (cont.)
9. (20/2) comentários à 4ª parte do *Discurso* (provas da existência de Deus)
10. (3/3) conclusão da 4ª parte
11. Leitura e comentário da 5ª parte do *Discurso*
12. (5/3 a 26/3) comentário à 6ª parte do *Discurso*
13. (23/4) Início da leitura da “*Ética*” (parte 1ª). Leitura de algumas passagens da *Ética* de Espinosa, de (*palavra ininteligível*)
14. Comentário ao 1º Livro da *Ética*
15. (7/5) comentários à 1ª parte do *Discurso*
16. Conceção espinozana da substância e seus atributos. Comentários à 1ª parte da *Ética*.

Ano letivo 1952 – 1953:

De 16/12/1952 a 7/2/1953, ELF viu ser-lhe concedida equiparação a bolseiro fora do país, durante dois meses, com início a 1 de janeiro de 1953. A 31 de outubro de 1952, o Reitor envia ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, João de Almeida, o requerimento para a

equiparação de Eduardo Lourenço de Faria a bolseiro, pelo Instituto para a Alta Cultura, junto do Centre Nacional de la Recherche Scientifique, a fim de ultimar um trabalho que então desenvolvia. O contrato acabou em 23/10/1953. Listo, abaixo, o conjunto das disciplinas que ELF lecionou na FLUC neste seu último ano letivo enquanto professor de Filosofia na Universidade de Coimbra.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA (prática), 4/11/1952 – 12/5/1953:

1. 1ª aula - bibliografia
2. Início da leitura do *Discurso*
3. Comentário à 1ª parte do *Discurso do Método*
4. (9/12) comentário da 2ª parte do *Disc. do Método*
5. (16/3) comentário à 3ª e 4ª partes do *Discurso do Método*
6. Leitura da 1ª “Meditação Metafísica”
7. (17/3) leitura da 4ª parte do *Discurso do Método* e da 1ª Meditação Metafísica. As provas da existência de Deus segundo Descartes
8. (14/4) introdução à leitura do livro I da *Ética*

9. (28/4) leitura do Apêndice I do 1º livro da *Ética*.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA (prática),
5/11/1952 – 13/5/1953:

1. I Homero, educador da Grécia. II O problema socrático
2. O ideal agónico da vida grega. O problema moral na *Ilíada* e *Odisseia*. O problema do sofrimento. II Questão socrática e questão platónica
3. I O problema do real e a visão grega da vida. A *lubris* como fundamento do mal. O justo sofredor. II Platão e o seu encanto com Sócrates
4. (3/12) comentário à *Apologia de Sócrates*
5. (10/12) Os Sofistas
6. Filosofia e Política. Filosofia e Poesia. Filosofia e Técnica (comentários à *Apologia de Sócrates*) (17/12 a 25/3)
7. (15/4) leitura e comentário do *Crítón*;
8. (22/4) Início da leitura de *Fédon*;
9. (6/5) considerações sobre a teoria da reminiscência e a teoria das Ideias.

Findo o contrato com Eduardo Lourenço, foi necessário alterar a distribuição das regências das aulas praticas do grupo de Ciências Filosóficas e da secção de Ciências Pedagógicas: o Dr. Joaquim de Carvalho ficou com as aulas praticas de História da Filosofia Moderna, História da Educação e Moral; o Dr. Arnaldo Miranda Barbosa com as aulas práticas de Lógica e Metodologia, História da Filosofia Medieval e Teoria do Conhecimento, e o Dr. Sílvio Vieira Mendes de Lima com as aulas práticas de História da Filosofia Antiga, Psicologia Geral, Psicologia Experimental e História da Filosofia em Portugal.

BIBLIOGRAFIA TRADUZIDA

EM ALEMÃO:

Lourenço, Eduardo. *Mythologie der Saudade. Zur portugiesischen Melancholie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.

Lourenço, Eduardo. *Portugal – Europa: Mythos und Melancholie. Essays*, trad. do francês por Eva Moldenhauer. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.

EM CHECO: Lourenço, Eduardo. *Chaos a Nádhera. Eseje o Identite*, trad. de Pavla Ludmilová. Praga: Dauphin, 2002.

EM ESPANHOL:

Lourenço, Eduardo. *Nosotros como Futuro*, trad. de J. León Acosta. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Lourenço, Eduardo. *Europa y Nosotros, o, Las dos razones*, trad. do francês por Ernesto García Cejas; trad. do português por Vicente Araguas. Madrid: Huerga y Fierro, 2001.

Lourenço, Eduardo. *Pessoa Revisitado. Lectura Estructurante del “Drama em Gente”*. Madrid: Pre-Textos, 2006.

Lourenço, Eduardo. *La Muerte de Colón. Metamorfosis y fin de Occidente como mito*, trad. de Ana Márquez. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2010.

EM FRANCÊS:

Lourenço, Eduardo. *Le labyrinthe de la saudade: psychanalyse mythique du destin portugais*, trad. de Annie de Faria. Bruxelles: Éditions Sagres – Europa, 1988.

Lourenço, Eduardo. *Fernando Pessoa: roi de notre Bavière*, trad. de Annie de Faria. Paris: Éditions Chandeigne, 1988. (2^a edição aumentada em 1997)

Lourenço, Eduardo. *Pessoa, l'étranger absolu*, trad. de Annie de Faria. Paris: Métailié, 1990.

Lourenço, Eduardo et al. *Montaigne 1533-1592*, trad. de Annie de Faria. Bordeaux, L'Escampette, 1992.

Lourenço, Eduardo. *Le miroir imaginaire: essais sur la peinture*, trad. de Annie de Faria. Bordeaux, L'Escampette, 1994.

Lourenço, Eduardo; Moura, Vasco Graça. *Camões 1525-1580*. Bordeaux: L'Escampette, 1994.

Lourenço, Eduardo. *Mythologie de la saudade: essais sur la mélancolie portugaise*, trad. de Annie de Faria. Paris: Chandeigne, 1997.

Lourenço, Eduardo. *La Culture à l'ère de la mondialisation*, trad. de Annie de Faria. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Lourenço, Eduardo. *La splendeur du chaos*, trad. de Annie de Faria. Bordeaux: L’Escampette, 2002.

EM HÚNGARO: Lourenço, Eduardo. *Mi És Európa*, trad. de Kutor Tünde. Budapeste: Ibisz, 1999.

EM INGLÊS:

Lourenço, Eduardo. *We the Future*, trad. de Christine Robinson. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Lourenço, Eduardo. *Chaos and Splendor and Other Essays*, hrsg. Carlos Veloso. Dartmouth: University of Massachussets Dartmouth, 2002.

Lourenço, Eduardo. *This little lusitanian house: essays on Portuguese culture*, trad. de Ronald W. Sousa. Rhode Island: Gávea-Brown, 2003.

EM ITALIANO:

Lourenço, Eduardo. *Fernando Re Della Nostra Baviera*, trad. de Daniela Stegano. Roma: Empiria, 1997.

Lourenço, Eduardo. *Il Labirinto della Saudade*.
Portogallo come Destino, Parma: Diabasis, 2006.

EM SERVO-CROATA: Lourenço, Eduardo.
*Razocarana Evropa, Prilozi za jednu evropsku
mitologiju*, trad. de Anamarija Marinovic. Belgrado:
Mediterran Publishing, 2011.

BIBLIOGRAFIA EM PORTUGUÊS

Lourenço, Eduardo. *Heterodoxia I*. Coimbra:
Coimbra Editora, 1949.

Lourenço, Eduardo. *O Desespero Humanista na
Obra de Miguel Torga*. Coimbra: Coimbra Editora,
1955.

Lourenço, Eduardo. *Heterodoxia II*. Coimbra:
Coimbra Editora, 1967.

Lourenço, Eduardo. *Sentido e Forma da Poesia
Neo-Realista*. Lisboa: Editorial Ulisseia, 1968.

Lourenço, Eduardo. *Fernando Pessoa
Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*.
Porto: Editorial Inova, 1973.

Lourenço, Eduardo. *Tempo e Poesia – Á Volta da Literatura*. Porto: Editorial Inova, 1974.

Lourenço, Eduardo. *Os Militares e o Poder*. Lisboa: Arcádia, 1975.

Lourenço, Eduardo. *O Fascismo Nunca Existiu*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1976.

Lourenço, Eduardo. *Situação Africana e Consciência Nacional*. Amadora: Publicações Génese, 1976.

Lourenço, Eduardo. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978.

Lourenço, Eduardo. *O Complexo de Marx ou o Fim do Desafio Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1979.

Lourenço, Eduardo. *O Espelho Imaginário – Pintura, Anti-Pintura, Não-Pintura*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Lourenço, Eduardo. *Poesia e Metafísica – Camões, Antero e Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

Lourenço, Eduardo. *Ocasionais I*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1984.

Lourenço, Eduardo. *Fernando, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

Lourenço, Eduardo. *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

Lourenço, Eduardo. *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

Lourenço, Eduardo. *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa: Editorial Presença.

Lourenço, Eduardo. *A Europa Desencantada – Para uma Mitologia Europeia*. Lisboa: Visão, 1994.

Lourenço, Eduardo. *Cultura e Política na Época Marcelista*. Lisboa: Cosmos, 1996.

Lourenço, Eduardo. *Nós Como Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

Lourenço, Eduardo. *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva, 1998.

Lourenço, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.

Lourenço, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

Lourenço, Eduardo. *A Noite Intacta. (I)recuperável Antero*. Vila do Conde: Centro de estudos Anterianos, 2000.

Lourenço, Eduardo. *Destroços – O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaio*s. Lisboa: Gradiva, 2004.

Lourenço, Eduardo. *O Lugar do Anjo – Ensaio*s Pessoanos. Lisboa: Gradiva, 2004.

Lourenço, Eduardo. *A Morte de Colombo – Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito*. Lisboa: Gradiva, 2005.

Lourenço, Eduardo. *As Saias de Elvira e Outros Ensaio*s. Lisboa: Gradiva, 2006.

Lourenço, Eduardo. *Paraíso sem Mediação: breves ensaios sobre Eugénio de Andrade*. Porto: ASA Editores, 2007.

Lourenço, Eduardo. *A Esquerda na Encruzilhada ou Fora da História? – Ensaios Políticos*. Lisboa: Gradiva, 2009.

Lourenço, Eduardo. *Pequena Mitologia Europeia. A propósito de Guimarães*. Lisboa: Verbo-Babel, 2011.

Lourenço, Eduardo. *Heterodoxias, (O.C. Vol. I)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Lourenço, Eduardo. *Tempo da Música, Música do Tempo*. Lisboa: Gradiva, 2012.

Lourenço, Eduardo. *Os Militares e o Poder seguido de O Fim de Todas as Guerras e a Guerra Sem Fim*. Lisboa: Gradiva, 2013.

Lourenço, Eduardo. *Do Colonialismo como Nosso Impensado*. Lisboa: Gradiva, 2014.

Lourenço, Eduardo. *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e Outros Ensaios, (O.C. Vol. II)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

Lourenço, Eduardo. *Do Brasil, fascínio e miragem*. Lisboa: Gradiva, 2015.

Lourenço, Eduardo. *Crónicas quase marcianas*. Lisboa: Gradiva, 2016.

Lourenço, Eduardo. *Tempo e Poesia, (O.C. Vol. III)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

Lourenço, Eduardo. *Da Pintura*. Lisboa: Gradiva, 2017.

WEBGRAFIA:

<http://www.eduardolourenco.com/bibliografia.html>

APRECIÇÃO CRÍTICA

A obra de Eduardo Lourenço de Faria pode definir-se pela sua vastidão, dispersão em múltiplos suportes e pela cobertura de um arco cronológico que se estende de 1949 - ano da primeira edição de *Heterodoxia I* - até 2017. A primeira pedra deste percurso foi erigida sob forma de dissertação de conclusão da licenciatura, intitulada *O Sentido da Dialética no Idealismo Absoluto. Primeira Parte*. No que se segue, consideraremos de maneira sintética a obra seminal de ELF, *Heterodoxias*, com especial incidência sobre o primeiro volume. Esperamos,

assim, contribuir para o trabalho de quaisquer pesquisadores que pretendam aprofundar o estudo sobre o pensamento deste autor.

A primeira parte da obra corresponde à *Heterodoxia I*, encontra-se subdividida em duas partes, “Heterodoxia I” e “Tempo de Heterodoxia I”. A primeira é composta por outras quatro subpartes: “Prólogo sobre o Espírito da Heterodoxia”, “Europa ou o Diálogo que nos falta”, “Da permanência no Mundo do Espírito” e “o Segredo de Hegel ou o Equívoco da Dialéctica”. A segunda, tem como partes constitutivas: “Do ângulo do leitor”, “A liberdade como realidade situada”, “No 3.º Centenário da Morte de Descartes – Nota Sobre o Significado da sua Filosofia”, “Ideia de uma historiografia existencial do pensamento português”, “Como vivem os intelectuais portugueses a sua relação com a cultura passada em Portugal?”, “Ambiguidade do Existencialismo”, “Humanismo e Terror ou a Denúncia do Pacifismo Hipócrita”, “Nota a uma apologia de Sampaio Bruno”, “Um tradicionalismo nietzschiano?”, “Heterodoxia e Liberdade” e “Filosofia e sobrerrealismo”.

Heterodoxia foi o nome escolhido pelo autor como título de dois dos seus primeiros e mais citados livros. O conceito converteu-se, a pouco e

pouco, desde 1949, numa espécie de palavra-chave de acesso para o pensamento do ensaísta. Antes de mais, cabe assinalar que o próprio significado de «heterodoxia» pouco tem de pacífico, isto é, remete-nos para a interpretação própria que Eduardo Lourenço faz desse conceito, das relações que ele mantém com o seu próprio percurso intelectual e ensaístico, rota esta que se oferece maioritariamente problemática ou, dito de outro modo, inconclusiva. Tal está refletido no seguinte facto: as sucessivas edições de *Heterodoxia* que ELF foi preparando fizeram-se acompanhar de um novo prólogo, redigido por Eduardo Lourenço (houve até alguns que nunca chegaram a conhecer a luz do dia). O autor propôs-se, reiteradamente, a refletir sobre o «espírito da heterodoxia», expressão evocadora do título de um livro de Jean Grenier (1898-1971), precisamente sobre o «espírito da ortodoxia». Não é, portanto, de todo abusivo - mas antes pertinente - falar numa pluralidade conceptual de heterodoxia em Eduardo Lourenço.

No “Prólogo sobre o Espírito da Heterodoxia” o autor trata de esclarecer, pela primeira vez, a aceção incipiente de «heterodoxia». A essência da realidade, entende-se, estará contida no velho mito germânico de Migdar, narrativa em que a serpente morde, em círculo, a

própria cauda. O mito carrega um valor simbólico para uma concepção de *dialética de simultaneidade e ambivalência* ou, nas palavras do autor, para “a imagem da vida como um todo que solicitou, no seu seio, a necessidade mesma da morte”⁵.

Tal imagem é tida enquanto representante parabólica da condição terrestre, “onde a honestidade”, disse ELF, “é honesta pela desonestidade dos desonestos e o vício vicioso pela virtude dos virtuosos”⁶, qual percurso dialético hegeliano, este que é o da sucessão temporal dos pensamentos e das coisas, como na imagem de um universo sonoro que viva do silêncio, da mudez da qual emerge ou, até, das palavras contrárias que talvez enjeite.

O reconhecimento de Migdar, enquanto essência da realidade, é «heterodoxia». A heterodoxia é nada mais nada menos do que a convicção de que o real não é apenas a cabeça mordendo a cauda *sem hesitações*, nem a cauda devorada *sem resistência*, ou seja, não é parcelar, fracionário, mas o total e perpétuo movimento de devorar e ser devorado. O autor contrasta esta ideia com a de «ortodoxia». À ortodoxia, ELF

⁵ Eduardo Lourenço. *Heterodoxia I* (Coimbra: Coimbra Editora: 1949), 31.

⁶ *Ibidem*, *ibid.*

atribui, se bem que a modo de ilustração, o movimento da cabeça que devora na certeza de existir um só caminho. Há ainda, por outro lado, a certeza de não existir caminho algum, o que o célebre filósofo designa por «niilismo». Porém, heterodoxia não é o contrário de ortodoxia, nem mesmo de niilismo, mas o ato permanente de os pensar a ambos. É a humildade que há no propósito de não aceitar um só caminho - este que apresenta-se, advogando em nome próprio, como o único caminho - sem rejeitá-los a todos só porque não sabemos, em absoluto, qual deles é o melhor. O autor dá conta de que o caminho da heterodoxia não é fácil em relação ao da ortodoxia. O heterodoxo troca aqueles que o mundo aponta segundo a carne - como amigos, pai e a mãe - pela loucura invisível da Verdade, o que constitui ofensa ao mais originário dos mandamentos. O preço da ofensa é pago em amargura e solidão – a dificuldade de ser heterodoxo.

Se a prática já é difícil, a justificação teórica da heterodoxia é mais difícil ainda, isto é, a heterodoxia invoca a palavra «guerra», ao passo que a ortodoxia invoca a «paz». Esta última é o desejo mais profundo das pessoas mas a paz no mundo seria a negação da humanidade, dos que a

amam. A paz é, ainda assim, a oferta das ortodoxias. A vantagem da ortodoxia encontra-se firmada na sabedoria cristã, uma vez que os atos com que as pessoas traçam os seus caminhos parecem definitivos, irrevogáveis. Um rol de questões surge na senda desta última ideia, sendo aquela que me parece a mais primordial e apta a transmitir o espírito deste prólogo a de “saber se a heterodoxia é possível, se a sua existência como atitude não repousa sobre uma simples doença da linguagem. Será possível *uma situação humana realmente heterodoxa?*”⁷. Esta questão é, a meu ver, o solo fértil dos campos de reflexão que constituem o substrato desta obra.

Lourenço afirma que a heterodoxia supõe uma passividade essencial, assim como a sua desumanidade. Tal característica arroga, mais uma vez, vantagem à ortodoxia, à própria ideia de ortodoxia, não esta ou aquela ortodoxias particularmente. Como tal, partindo da convicção de que a vida é afirmação nas suas manifestações primordiais, ato que engloba uma série de atos, em que cada ser está subordinado à lei dum ritmo, não quer isto dizer que a essência da

7 Ibid, 33.

individualidade é «ortodoxia», caminho único e direito? E, do mesmo modo que a história é uma luta de individualidades numa longa linha de ações livres, toda a luta é, sempre e sem exceção, entre ortodoxias.

Em “Europa ou o Diálogo que nos falta”, Lourenço começa por afirmar que a cultura portuguesa existe, desde Quinhentos, em cenário crepuscular, tendo perdido nos séculos XV e XVI o que tinha de mais vivaz e promissor, ficando-se pelo “comentarismo ruminante e estéril” do qual, aliás, nunca se libertara completamente, mesmo nas horas de maior júbilo. Mesmo os raros que insistiram na crença ou no facto de ainda ser possível ascender ao espírito da Europa foram silenciados ou, como sempre, ignorados de cada vez que tentaram fazer-se ouvir por parte das elites responsáveis pelo cuidado do nosso destino cultural. Ainda assim, foram essas tentativas - inclusivamente no que toca àqueles que não mais desejavam do que neutralizá-las - que permitiram - coordenadas conjuntamente com as realizações técnicas originárias dum espírito e duma ciência que não parecem ter, entre nós, alicerces - progressos constituintes da realidade sobre a qual assentam, em cada época, as convicções de

quaisquer conservadores ou amantes possessivos e detentores de cultura própria.

Para concluir, gostaria de chamar a atenção para o capítulo “Da permanência no Mundo do Espírito”, este que é inaugurado com dois grandes filosofemas «humano» e «humanismo». Trata-se, aí, de duas palavras que criaram à sua volta uma atmosfera mista de louvor e de maldição, pelo menos a partir do momento em que espíritos que deveriam ser lúcidos, por dever e obrigação, começaram a servir-se (eles) delas, de maneira a triar a ‘seara humana’. E foi deste modo, de Protágoras a Heidegger, que nos habituámos a aceitar «pessoas» que não são «humanas», tal como conceções de mundo que não podem categorizar-se como «humanismos». A problemática abordada pelo autor não se esgota na complexidade daquelas questões levantados pelos «humanismos» ou, como poderia dizer-se, levantadas por uma «busca pela humanidade das pessoas». ELF dedica-se, particularmente, à análise do uso valorativo dos conceitos de «atualidade», «inatualidade» e «ultrapassamento».

Trata-se de um filósofo polémico e que continua a causar impacto na Filosofia em Portugal, para cá e para lá das muralhas das

academias. Espero que este breve estudo - limitado a apontar alguns dentre uma infinidade de possíveis assuntos sobre os quais valeria a pena investigar – esteja apto a abrir portas ou janelas para futuros esforços debruçados sobre o pensamento de ELF, este que sem dúvida nenhuma estará no topo das agendas de investigadoras(es), pelo menos na área de Filosofia em Portugal, um pouco por todo o desenrolar do século XXI.